

## 4. O caráter do jornalista: outras fontes

*“Sempre achei que é o mundo que está à espera de um jornalista, não o contrário.”*

*(Samuel Wainer, 1987:91)*

### 4.1. Outras fontes

O terceiro capítulo tratou de mostrar os elementos que através dos discursos dos jornalistas se apresentavam enquanto “práticos” e, portanto, constitutivos do caráter do grupo, e também os elementos que foram colocados à margem das características do grupo, sendo classificados como “teóricos”.

Além de todos os quesitos apresentados como reveladores do caráter do grupo e os exemplos de discurso e atuação que fortalecem esses quesitos, ao final, o elemento “curiosidade”, citado em todos os trinta e quatro depoimentos, acabou contribuindo para a interpretação sobre a ação do grupo em torno da construção de seu mundo.

O fator “curiosidade”, que ajudou a mostrar como os elementos que soam óbvios ao grupo são retoricamente selecionados enquanto “práticos” e utilizados na formação do caráter do grupo, influenciando nos modos de *ser* e *fazer* jornalismo, servirá como questionador dos critérios de seleção dos elementos práticos e teóricos na formação do caráter do grupo, bem como a construção da definição do que constitui esta “prática” e esta “teoria”.

Este o caminho interpretativo que pretendo percorrer e desenvolver de maneira mais explícita a partir do próximo capítulo. Neste capítulo, ainda me atenho a reforçar os elementos discursivos e formadores do caráter do grupo, me valendo de outros interlocutores, outras fontes que dialogam com os profissionais do jornalismo e que auxiliam na consolidação dos exemplos dos aspectos reivindicados como “práticos”.

É que outras fontes também foram importantes para a pesquisa, pois ajudaram a reforçar as características relacionadas ao caráter do jornalista. Livros, biografias, artigos, palestras, conversas informais, eventos acadêmicos e sites forneceram confirmação e questionamento para os elementos retóricos que constituem o caráter do grupo destacados a partir dos depoimentos colhidos.

Fontes teóricas, acadêmicas, de alguma maneira ligadas a aspectos como a universidade, pesquisas científicas, protocolos e regras oficiais foram utilizadas para encontrar aspectos ligados ao jornalismo e suas interpretações sobre modos de *ser* e *fazer* jornalismo. Além destas, fontes que estão ligadas ao cotidiano da profissão, materiais de *sites* e mídias sociais, boletins não acadêmicos também foram utilizados para apresentar traços do caráter do jornalista.

Estes materiais permitiram a identificação de respostas semelhantes à de meus entrevistados e tornou ainda mais significativa a percepção sobre a construção de discurso e consciência de um grupo que privilegia os aspectos denominados como práticos na formação dos modos de *ser* e *fazer* jornalismo.

Portanto, além dos interlocutores selecionados nas entrevistas, novas vozes serão somadas a esta tentativa de delinear o caráter do jornalista. São registros de jornalistas e outros profissionais ligados à profissão que contribuem para as ideias acerca do grupo e para a construção de seus aspectos peculiares.

A partir do discurso dos entrevistados e das fontes formais e informais, forma-se um quadro mais completo dos elementos definidos como práticos e teóricos pelos profissionais. Um quadro que propõe uma visão geral, uma tipificação ideal do que é entendido como elementos práticos (mais próximos) e teóricos (mais afastados) do caráter do jornalista.

Darei ênfase aos aspectos de convergência nas informações colhidas entre as fontes formais e informais e os jornalistas entrevistados para produzir um quadro de definições do que é entendido como teoria e prática pelos jornalistas. Portanto, o quadro com as características do caráter do jornalista contemplará as respostas de profissionais de ambos os países e das fontes aqui apresentadas e

deve ser percebido a partir de seu aspecto de semelhança, já que foi formulado a partir de elementos discursivos convergentes.

O que não quer dizer que os termos e definições tenham o mesmo significado e interpretação nos dois países, por se tratar de culturas distintas, com regras e valores que não podem ser vistos como iguais. A ideia é tentar traçar um quadro geral sem a pretensão de apresentá-lo como representativo de uma interpretação comum entre brasileiros e norte-americanos.

O aspecto da semelhança deve ser entendido como uma tentativa de criação de um “tipo ideal” dos aspectos “práticos” e “teóricos” definidos no discurso dos jornalistas, tendo em vista que os elementos que constituem a ideia de “prática” em ambos os países são mais valorizados na formação do caráter do grupo.

O caráter do jornalista enquanto “tipo ideal” faz parte de um esforço de compreender os elementos retoricamente selecionados, uma tentativa de criar um quadro que traga referências sobre o grupo, uma forma de possíveis comportamentos e condutas dos indivíduos.

O uso do conceito “tipo ideal” se baseia na interpretação de Max Weber que o apresenta como uma “tentativa para apreender os indivíduos históricos ou os seus diversos elementos” (1999:109) sem necessariamente o fazer buscando uma “pureza conceitual”. Em outras palavras, Weber constrói o conceito de “tipo ideal” para que interpretações da realidade sejam produzidas e aceitas ainda que não representem a totalidade da realidade.

Segundo Raymond Aron, em “As etapas do pensamento sociológico”, o “tipo ideal” weberiano é uma “percepção parcial de um conjunto global” (1999:465), mas que se propõe a falar em sentido amplo, abrangendo uma totalidade. Nesse sentido, quando falamos de um grupo, não significa que “todos os indivíduos incluídos na extensão do conceito apresentam as características médias” (Idem:466).

Para Aron, por exemplo,

*quando se diz que os franceses são indisciplinados e inteligentes, não se quer dizer que todos eles sejam indisciplinados e inteligentes, o que é improvável. O que se pretende é reconstruir um indivíduo histórico, os franceses, identificando certos traços que parecem típicos e definindo sua originalidade (Ibid: 466).*

Ainda assim, cada leitor pode produzir sua interpretação sobre os elementos aqui relacionados à construção do caráter do jornalista, não sendo nenhum deles uma definição estanque e que deva ser pensada de modo idêntico. A construção de um modelo ideal do caráter do jornalista não significa a busca por um modelo rígido de interpretação.

Os aspectos levantados são passíveis de interpretações diversas a partir do lugar social e cultural do leitor e, portanto, ainda que haja o esforço pela formulação de um “tipo ideal” de elementos que formam o caráter do jornalista, não há a intenção de produzir com isso uma linha interpretativa ideal sobre o caráter do jornalista.

#### **4.2. As fontes**

Biografias e livros com relatos sobre a vida de jornalistas e fatos do cotidiano do jornalismo também têm valor de depoimento, pois oferecem detalhes sobre a escolha da profissão, rotina de trabalho e percepções sobre o jornalismo e os jornalistas. Assim, estes relatos sobre a vida no jornalismo e os aspectos inerentes à profissão se somam às vozes dos profissionais que pude escutar pessoalmente, produzindo um coro mais representativo dos aspectos relativos ao grupo.

Profissionais brasileiros como Ricardo Noblat em “O que é ser jornalista” (2004) e “A arte de fazer um jornal diário” (2002); Edgar Morel em “Histórias de um repórter” (1999); José Carlos Bardawil em entrevista a Luciano Suassuna em “O repórter e o poder” (1999); Nivaldo Marangoni em “Minha vida de jornalista” (1999); José Maria Mayrink em “Vida de repórter” (2002); Audálio Dantas (org.) em “Repórteres” (1998); Geraldinho Vieira em “Complexo de Clark Kent” (1991); Samuel Wainer em “Minha razão de viver” (1987) tratam de fatos ligados

ao jornalismo e trajetórias profissionais e abordam diversos aspectos comentados nos depoimentos dos jornalistas por mim entrevistados.

Relatos biográficos e registros ligados ao mundo do jornalismo em obras de jornalistas norte-americanos, como “O beijo de Lamourette” (2010), de Robert Darnton; “Deu no New York Times” (2007), de Larry Rohter; “O reino e o poder” (1981), de Gay Talese, também contribuem para a apresentação dos aspectos que fazem referência ao grupo.

Estes “depoimentos” também acrescentam detalhes, exemplos e mais elementos aos temas encontrados nos discursos relativos ao caráter do jornalista. Eles reforçam a existência de temas ligados ao mundo do jornalista e também aos temas cuja influência os profissionais buscam descartar com relação à formação de seu caráter.

Além destes materiais, foram selecionadas pesquisas e publicações científicas, além de eventos acadêmicos onde o tema sobre o caráter do jornalista e depoimentos de profissionais serviram para acrescentar informações sobre o que se define como “o caráter do jornalista”, a construção discursiva e os modos de atuação a favor dos elementos práticos.

Textos de *sites*, percepções retiradas do cotidiano do jornalismo também servem de fonte para que o caráter do jornalista seja apresentado, levando em consideração as diversas dimensões onde são discutidas e apresentadas características relacionadas aos modos de *ser e fazer* jornalismo.

#### **4.2.1.**

#### **Local de trabalho, ambiente interno X Universidade e ambiente externo**

Robert Darnton, em “O beijo de Lamourette”, traz sua contribuição para a definição sobre o caráter do jornalista ao abordar a época em que trabalhava como jornalista ao longo do capítulo “Jornalismo: toda notícia que couber a gente publica”. Uma característica marcante, segundo o autor, é a relação do grupo com seu ambiente de trabalho e com seus colegas no que diz respeito à construção de uma ideia de que o grupo busca suas referências no ambiente interno e buscando corresponder às expectativas de seus pares:

*Nunca escrevemos para as 'imagens de pessoas' invocadas pela ciência social. Escrevíamos uns para os outros. Nosso principal 'grupo de referência', como se poderia dizer na teoria da comunicação, encontrava-se espalhado em torno de nós na sala de redação, ou no 'buraco da cobra' como dizíamos. Sabíamos que os primeiros a cair em cima de nós seriam nossos colegas, pois os repórteres são os leitores mais vorazes, e precisam conquistar um status diariamente, ao se exporem a seus colegas de profissão (Darnton, 2010:78).*

O autor, ao descrever seu trabalho em uma redação de um jornal norte-americano, enfatiza como o ambiente une o grupo em torno de ações e interpretações sobre a profissão, e como o ambiente de trabalho e aquilo que se produz nele conferem sentido à formação do grupo.

Além da relação do grupo com aquilo que chama de ambiente interno (redação e até mesmo a rua), há o trabalho feito e julgado pensando nos colegas e, ainda, a ideia de um texto, o resultado final deste trabalho, como uma “coisa de sua propriedade” (Idem, 2010:85). Ou seja, toda a dinâmica de trabalho, desde o ambiente, até o local de apuração dos fatos, ao produto final, a reportagem são percebidas a partir de seu impacto primeiramente entre os pares.

Em contrapartida, o ensino acadêmico, tido como ambiente externo, é intencionalmente afastado dos temas que participam da formação do caráter do grupo. Segundo Darnton:

*Embora alguns repórteres possam aprender a redigir em escolas de jornalismo (...) a maioria deles (incluindo muitos jornalistas formados) pega o jeito na prática de aprendizagem. Adquirem atitudes, valores e um espírito profissional enquanto trabalham como mensageiros na seção de Cidades, e aprendem a perceber e comunicar a notícia quando estão sendo 'treinados' como repórteres principiantes (Ibid, 2010:96).*

Em “O repórter e o poder”, o jornalista José Carlos Bardawil reforça o depoimento de Darnton, ao atribuir a qualidade do trabalho jornalístico à prática na redação, ao treino diário e às habilidades pessoais de saber escrever e descobrir notícias e não acredita na influência do ensino universitário na formação do caráter do jornalista, pois, segundo ele, as faculdades, até sua experiência profissional nos anos 1990, continuavam “a mesma porcaria” (Bardawil & Suassuna, 1999:218).

Uma visão compartilhada pelo jornalista Boris Casoy, exposta em “Complexo de Clark Kent”, quando diz que aqueles que “brilham na profissão” não contaram com a ajuda do ensino universitário:

*(...) as pessoas saem da universidade e têm contato com a realidade da profissão na primeira vez em que vão trabalhar. Se é que devem existir faculdades de Comunicação – acho que não precisamos -, elas deveriam oferecer uma cota muito maior de prática. Deveria ter jornais impressos, telejornais e radiojornais, não como eles fazem, como mero exercício onde o tempo, por exemplo, não é considerado. É preciso que se aprenda a lutar contra a pressão, contra o tempo, contra o relógio, e a favor da qualidade. Todo esse estresse profissional que conduz ao erro não existe na escola. Não conheço nenhuma escola que desenvolva um trabalho parecido com uma Redação. No Brasil, o estudante só vai conhecer isso no primeiro emprego, e às vezes já é tarde (Vieira, 1991:74).*

Para o jornalista Gilberto Dimenstein, em depoimento no mesmo livro, há também um distanciamento entre o que é necessário para a formação dos jornalistas e o ensino acadêmico, já que as faculdades de Jornalismo não trabalham a prática e possuem discussões e professores obsoletos. Para ele, “a faculdade deveria ser uma coisa muito mais forte do que é, se quisesse justificar sua própria existência” (Vieira, 1991:115,116).

Outro relato que descreve alguns critérios práticos do grupo pode ser encontrado em “O repórter e o poder”, onde o jornalista José Carlos Bardawil, que iniciou sua carreira nos anos 1960, enfatiza sua habilidade de escrever bem e suas experiências nas redações por onde passou como formadoras de seu caráter. Em seu início de carreira, não era necessário ter diploma de jornalismo, pois apenas a partir de 1969 o diploma tornou-se obrigatório e, para se destacar como jornalista, era preciso, segundo Bardawil, ter experiência e saber de jornalismo sem que isso tivesse relação com aspectos acadêmicos.

Ao relatar sua experiência em um curso chamado Curso Abril, que selecionava pessoas para atuarem como jornalistas na Editora Abril, o jornalista afirma não ter aprendido nada porque, segundo ele, pegou “um professor que não sabia nada e eu [Bardawil] sabia mais do que ele” (1999:47), já que possuía a experiência necessária, adquirida com a prática anterior em outros jornais.

Este é mais um discurso reforça a ideia de que as experiências acadêmicas são menos importantes, na retórica do grupo, para a formação do caráter do

jornalista, que os aspectos práticos da experiência, reconhecimento de talento e interação entre os profissionais que compartilham das mesmas ideias e ações.

#### 4.2.2.

#### **Vocação, dom X Diploma, certificado acadêmico**

Edmar Morel, em “Histórias de um repórter” conta sua trajetória no jornalismo a partir da década de 1930, uma época em que não havia onde estudar jornalismo e o ofício se aprendia na prática. Era nas redações que se descobria o talento, a vocação para a profissão:

*não havia escola de jornalismo, nem curso de comunicação. O jornalista provinha de atividades auxiliares na arte de fazer jornal ou já trazia experiência noutra jornal ou, ainda, seria uma vocação a se manifestar (Morel, 1999:33).*

Mas seus sessenta anos de carreira o fizeram acompanhar o surgimento de escolas de jornalismo e discussões sobre a valorização do diploma para o exercício do jornalismo. Ainda assim, para Morel, seu “diploma” foi conseguido na prática, fazendo jornalismo:

*Na verdade, saí de O Globo diplomado em jornalismo. Nenhuma faculdade é capaz de formar um profissional de imprensa (...). Para mim a experiência foi válida e muito serviu (Idem, 1999:65).*

É nessa direção que segue o jornalista Audálio Dantas, em “Repórteres”, para quem o bom jornalista não pode ser definido a partir de teses e manuais. Para ele, os jornalistas são “seres que perguntam”, que estão sempre atrás de uma boa notícia, seja na esquina de casa ou do outro lado do mundo, e que têm capacidade de escrevê-la com qualidade, de transformá-la em história. Este estilo é certificado pelo grupo, percebido pelos colegas. Não é necessário um certificado ou diploma para comprovar. Nos textos de diversos jornalistas em “Repórteres”, fica evidente a existência de um modelo de valorização profissional baseada nos aspectos reivindicados pelo grupo. São textos nos quais jornalistas como Caco Barcellos, Carlos Wagner, Domingos Meirelles, Joel Silveira, entre outros, se valem da cobertura de suas histórias para reafirmarem suas características de “bom jornalista”.

É que as reportagens ou fatos do jornalismo que cada profissional selecionou para contar se misturam a citações sobre sua própria atuação, seu



relacionamento com outros colegas, suas habilidades de investigação e escrita. Com isso, as histórias escolhidas dividem espaço com os modos de agir e pensar do jornalista e os exemplos “extraordinários” de sua atuação profissional que merecem ser enaltecidos.

Nesse sentido, as comprovações da vocação e do dom para fazer jornalismo são produzidas e apresentadas por eles próprios, valendo-se de espaços como este livro para divulgarem suas práticas e habilidades.

Um outro exemplo pode ser encontrado no texto do jornalista José Hamilton Ribeiro, ao relacionar sua habilidade jornalística e um prêmio recebido por uma reportagem:

*Repórter e reportagem – eis uma praia em que me sinto em casa. Estou indo para quarenta anos de profissão, o tempo todo nessa luta de repórter (...) ganhei Prêmio Esso Nacional com uma reportagem sobre cirurgia de coração com peito aberto (Na época era novidade!) (Dantas, 1998:198).*

O jornalista José Hamilton Ribeiro o segue citando aspectos de sua atuação que são típicos de um bom jornalista, ao destacar que possui mais de “oitocentas grandes reportagens publicadas” (1998:110), a sorte por atuar em jornais que estavam em boa fase e coragem para assumir os riscos do trabalho jornalístico. Riscos estes que lhe fizeram perder uma perna em cobertura da Guerra do Vietnã.

O jornalista Lúcio Flávio Pinto também escreve em “Repórteres” sobre seu esforço para continuar sendo um “jornalista respeitado”, o que demonstra a preocupação em mostrar sua atuação como exemplar para seus pares:

*Revelar informações sobre negócios escusos com o dinheiro público e os esquemas políticos que os mantêm pode acarretar dor de cabeça. Especializado nesse tipo de assunto, acostumei-me a receber ameaças. As primeiras me fizeram tremer. Mas percebi que, na maioria das vezes, era apenas intimidação. Se afrouxasse, elas cessariam. Se me mantivesse firme, era pagar pra ver. Eu tinha que pagar: queria continuar a ser um jornalista respeitado até o fim dos meus dias (Dantas, 1998:125).*

O questionamento sobre o valor do diploma para a formação de um “bom jornalista” também foi feito pelo jornalista Michael Wolff em evento organizado pelo departamento de Jornalismo da Universidade de Columbia (em abril de 2013,

em Nova York), para debater a necessidade de graduação e pós-graduação em jornalismo para o exercício da profissão. Wolff, que se reconhece como jornalista bem-sucedido por méritos próprios e não por sua formação acadêmica, fez duras críticas à academia. E durante o debate com a professora do departamento, Emily Bell, reiterou as críticas feitas ao ensino universitário em artigos seus publicados anteriormente na *New York Magazine*<sup>37</sup>.

Para Wolff, que cursou a Universidade de Columbia, o jornalismo é uma experiência e não há um currículo que precise ser formulado para isso. Segundo ele, “esse é um trabalho sobre escrever bem, encontrar pessoas, interagir, achar fontes”. O jornalista é enfático ao afirmar que não recomenda a escola de jornalismo e que o valor gasto com o ensino acadêmico é “dinheiro jogado fora”, já que não é o diploma que vai dar ao jornalista suas “melhores credenciais”. Em sua opinião, os melhores profissionais não são aqueles que gastam sessenta mil dólares em uma pós-graduação em jornalismo cuja preparação é feita para “um mundo que não existe”.

#### **4.2.3. Habilidade de produzir informação X Dificuldade de produzir informação**

A escolha discursiva e formadora do caráter pelo ambiente interno, a vocação e o dom se relacionam também a uma ideia de habilidade inata para produção de informação. A prática e as qualidades dos jornalistas reconhecidas e obtidas em treinamento em “seu ambiente” os credenciam a lidar com os fatos de maneira peculiar, transformando-os em informação, em notícia.

Em “Minha vida de jornalista”, Nivaldo Marangoni enfatiza que as surpresas do dia a dia da profissão exigem a habilidade de lidar com o imprevisível, uma vez que o jornalista vai conviver com “momentos de tensão, descontração, emoção e, acima de tudo apreensão” (1999:43), ao esperar por uma pauta, por um telefonema, etc. Para ele, o profissional tem que estar preparado para ouvir que seu chefe lhe diga: “Vá para a rua e se vire. Traga alguma coisa boa. Rua, rua...” (Idem).

---

<sup>37</sup> WOLFF, Michael. *Class Dismissed* (2002).

Este é um exemplo de “habilidade de produzir informação”, de um trabalho que precisa ser realizado naquele dia e que precisa de pessoas capazes de apurar os fatos e transformá-los em notícia, informação. E, segundo Marangoni, esta é uma realidade de trabalho que apenas o grupo consegue entender, já que “para quem nunca esteve em uma redação é difícil imaginar o dia a dia de quem trabalha ali” (1999:63). Assim, as habilidades peculiares de trazer informação, de encontrá-las no cotidiano do cidadão comum e transformá-las são inerentes ao jornalista.

A valorização desta característica de produzir informação foi tratada no “Social Media Summit” organizado pelo jornal *The New York Times*, pela Knight Foundation e pela BBC Academy’s College of Journalism, realizado no salão de eventos do *The New York Times*, em Nova York, em junho de 2013.

O evento buscou discutir como o jornalista é capaz de lidar com a enorme quantidade de conteúdos produzidos no dia a dia e em mídias digitais e, ainda assim, demonstrar destreza para identificar o que é relevante para se tornar notícia. Os jornalistas que atuaram como palestrantes reforçaram o discurso e percepção do grupo sobre suas “habilidades extraordinárias” de lidar com a informação. Eles procuraram demonstrar como os acontecimentos precisam passar pelo “filtro” do jornalista para que sejam considerados relevantes.

O conteúdo produzido em mídias sociais por qualquer cidadão também foi tema de debate durante o evento e os jornalistas apontaram diversas “falhas” nesses conteúdos exatamente por não serem produzidos por jornalistas. Assim, um fato só se torna notícia quando é selecionado, apurado e divulgado por alguém do grupo, alguém com as “credenciais necessárias” para fazer com que um acontecimento possa ser classificado como informação, como notícia.

#### 4.2.4.

#### **Talento para a escrita, faro jornalístico X Influência dos capitais escolar e familiar e do pertencimento a uma classe social**

Afinal, o que faz de alguém um bom jornalista? É preciso ter talento e ter faro jornalístico. De acordo com os entrevistados, estes são requisitos que contribuem para a habilidade de lidar com a informação, pois é preciso ter faro para encontrar boas histórias e talento para escrevê-las.

O reconhecimento de um “bom jornalista”, medido pela disposição para trabalhar, pela qualidade reconhecida entre os pares de escrever bem e encontrar temas interessantes, pode ser encontrado em depoimentos como o de Edmar Morel (1999), que destaca talentos como o de Roberto Marinho para exemplificar o que é ser “um bom jornalista”:

*A princípio tomei Roberto Marinho por um playboy, apaixonado por automobilismo, hipismo e bilhar. Porém, com o decorrer do tempo, modifiquei essa ideia. Era, sim, um trabalhador infatigável que chegava à redação às cinco horas da manhã e saía à noite, com a pauta preparada para o dia seguinte (1999:56).*

Ricardo Noblat (2002) cita também exemplo de jornalista “bom farejador”, aquele que descobre notícias em qualquer lugar, como “Bob Fernandes, atual redator-chefe da Revista Capital é um dos melhores repórteres que já conheci. É capaz de farejar notícia onde aparentemente não existe” (2002:44).

Marcos Faerman chama de “inventividade” a mistura de talento e faro jornalístico, pois, segundo ele, “só ganha espaço, mesmo nas piores redações, quem tem o mínimo de inventividade e não escreve como se estivesse lidando com uma bula de remédios” (Dantas, 1998:162).

E é sem modéstia que Samuel Wainer apresenta seus “talentos jornalísticos”, ao narrar como se transformou em um “repórter bajulado por políticos interessados em obter maior repercussão para suas declarações” (Wainer, 1987:29). Segundo ele, seu talento fez com que conseguisse uma entrevista com Getúlio Vargas que foi “uma bomba que (...) espalharia estilhaços por todo o país” (Idem, 1987:23). Depois de publicar palavras de Getúlio de que retornaria ao poder como “líder das massas”, todos queriam uma “entrevista assinada por Samuel Wainer” (Idem, 1987:29).

Para o jornalista Ricardo Noblat, é preciso estar atento para descobrir uma notícia; é o jornalista que tem esse “faro” e a identifica “onde quer que ela esteja”:

*A notícia pode estar no ambiente onde se passou determinada história. A notícia pode estar no silêncio de uma pessoa entrevistada. A notícia pode estar no nervosismo de alguém. Há, portanto, que estar atento a tudo. E há que ter faro para identificar a notícia onde quer que ela esteja. Faro. É o faro que faz a diferença entre um bom repórter e um repórter medíocre (2002:44).*

Este “talento” e “faro” que aparecem no discurso dos jornalistas se contrapõem à ideia de que os jornalistas adquirem estas habilidades por serem indivíduos que tiveram acesso a um capital *escolar e familiar* que os habilitou a desenvolver a escrita, a capacidade de observação, a pesquisa, a criatividade, etc.

Entenda-se como “capital”<sup>38</sup> a definição de Pierre Bourdieu, que o utiliza como um sistema de vantagens do indivíduo capaz de colocá-lo ou mantê-lo em um grupo social, econômico e cultural específico. No caso do jornalista, vantagens de origem familiar e acesso a um padrão educacional garantem ao grupo a possibilidade de certas escolhas, entre elas as escolhas profissionais que colocam o campo do jornalismo como opção:

*A família e a escola funcionam, inseparavelmente, como espaços em que se constituem, pelo próprio uso, as competências julgadas necessárias em determinado momento, assim como espaços em que se forma o valor de tais competências (Bourdieu, 2008:82).*

Ocorre que não há na produção discursiva sobre o caráter do jornalista o entendimento de que as ferramentas necessárias para que alguém se torne um “bom jornalista” sejam atreladas a um padrão de vida anterior à profissão, que gerou a possibilidade de existir a escolha pela carreira no jornalismo.

Ainda que a grande maioria dos profissionais entrevistados e os jornalistas que contam sobre sua trajetória nos livros, artigos e entrevistas pesquisadas tenham revelado serem de classe média, com acesso a meios de comunicação em suas casas e acesso a escolas de boa qualidade, este critério não foi selecionado

---

<sup>38</sup> Há, segundo Bourdieu, uma “estratégia” das classes dominantes de criarem uma estrutura simbólica onde os acessos a bens culturais, econômicos, familiares, escolares, políticos sejam capazes de estabelecer distinções entre as classes e dificultar a mobilidade social. Para o autor, esta “estratégia” acaba favorecendo grupos hegemônicos e mantendo diferenças entre as classes. Para uma discussão mais ampla do tema, ver textos do autor como **A economia das trocas simbólicas** (1997) e **A distinção. Crítica social do julgamento** (2008).

como formador do caráter do jornalista. Assim, o talento e faro jornalísticos são reivindicados enquanto aspectos inatos do jornalista e não são feitas associações entre estas habilidades e origem familiar e escolar dos profissionais.

Em pesquisa<sup>39</sup> realizada em 2002 com mil e quinhentos jornalistas dos Estados Unidos, também ficou configurado que os profissionais do jornalismo são, em sua maioria, de classe média. A exigência pelo diploma fez do jornalista, principalmente aquele que atua nos grandes centros urbanos, um profissional oriundo, no mínimo, da classe média, pois é preciso que se tenha um capital econômico e escolar minimamente de classe média, ainda segundo a pesquisa, para se adquirir a graduação que garanta a entrada na profissão.

A relação entre curso universitário e classe média também surge na pesquisa “Quem é o jornalista brasileiro: perfil da profissão no país (2012)”<sup>40</sup> que aponta que a maioria dos dois mil setecentos e trinta e um profissionais entrevistados em todo o país possuía curso universitário (98%), o que os coloca numa parcela da população minimamente de classe média pelo acesso ao ensino superior. Além disso, valores salariais do grupo variam numa média também de patamares de renda estabelecidos, segundo a pesquisa, para a classe média, uma vez que a maioria dos profissionais ganha entre três e cinco salários mínimos<sup>41</sup>.

Não tenho a intenção de utilizar critérios econômicos para atribuir ao jornalista uma classe social, devido à dificuldade de estabelecer a relação entre os ganhos econômicos dos profissionais e seu agrupamento em uma classe. Utilizo o termo “classe média” parafraseando esses interlocutores, que se dizem pertencentes a esta classe. A identificação do grupo com a classe média pode estar relacionada ao compartilhamento de um capital *escolar* e *familiar* considerado de classe média.

Ou seja, o sentido de pertencimento de classe se dá, portanto, a partir da ideia de experiências comuns compartilhadas entre os indivíduos em fase anterior ao trabalho de jornalista, proporcionado pelos capitais *escolar* e *familiar*.

<sup>39</sup> Pesquisa encontrada em **The American Journalist in the 21st Century** (Weaver, 2007:42,43).

<sup>40</sup> MICK, Jaques (coord.) **Quem é o jornalista brasileiro? Perfil da profissão no país (2012)**, versão online e MICK, Jacques. (coord.) **Perfil do jornalista brasileiro. Características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2012.**

<sup>41</sup> Idem, p. 73.

Posteriormente, o grupo também compartilha experiências comuns que o definem enquanto unidade, enquanto classe<sup>42</sup>. Mais uma vez, critérios não econômicos são levados em consideração na compreensão dos jornalistas sobre a formação do grupo. A construção do caráter de grupo aqui apresentada enfatiza os elementos reivindicados pelos profissionais como experiências comuns, dando sentido de classe ao grupo.

#### 4.2.5.

#### **Grupo de jornalistas x Público geral, senso comum, sociedade**

Um elemento marcante entre os aspectos práticos do caráter do jornalista é sua percepção de dentro para fora, numa relação onde o grupo forma suas representações considerando primeiramente seus elementos específicos. E esta relação se dá ainda que seja este um grupo que precisa encontrar fatos do cotidiano social geral e leitores do senso comum para continuarem existindo.

Assim como o ambiente de trabalho e demais locais onde buscam fontes para atuar são valorizados no repertório de formação do grupo, as relações, conceitos e julgamentos formulados e utilizados entre os pares também são mais relevantes ao grupo que aqueles entendidos como externos, vindos do senso comum.

A relação do jornalista se define por sua percepção de pertencimento ao grupo. É a partir desta interpretação que se moldam os modos de *ser* e *fazer* jornalismo que delineiam seu caráter. O grupo constrói uma oposição grupo-sociedade onde normalmente se constrói uma oposição indivíduo-sociedade, pois há um esforço de produção de uma lógica relativa a um grupo específico que se contrapõe a aspectos sociais gerais, que servem aos demais indivíduos.

Em “Complexo de Clark Kent”, o jornalista Otávio Frias Filho descreve os feitos realizados pelo jornal onde trabalhava e os furos conseguidos, numa postura de inversão, pois propõe uma visão onde as ações dos jornalistas é que desencadeiam as notícias. São as escolhas e atitudes dos jornalistas que iniciam

---

<sup>42</sup> Um contexto de classe amplo, tal como definiu Max Weber, ao cogitar a relação entre indivíduos a partir de um olhar para o modo como estão organizados. O contexto de organização dos indivíduos se dá a partir de interesses e atividades que criam uma identificação, um estilo de vida. Para uma discussão mais ampla, ver Max Weber em **Classe, estamento, partido** (1974).

um processo de revelação da notícia. Para o jornalista, este processo seria impossível de ser realizado não fosse pela característica do grupo:

*Houve momentos de grande entusiasmo, de alguma excitação histórica. (...) Por exemplo, a divulgação da descoberta do poço para testes nucleares na Serra do Cachimbo (Pará). Também foi emocionante – e este foi um furo descoberto pelo meu pai – a divulgação do verdadeiro estado de saúde do presidente Tancredo Neves (Vieira, 1991:24).*

E esta também é a percepção de Robert Darnton, que aponta para o comportamento autocentrado do jornalista a partir de sua experiência profissional nos Estados Unidos:

*Não é preciso se intrometer muito para pegar o cerne da fala dos repórteres. Eles falam sobre si mesmos, e não sobre os personagens de suas matérias. (...) A conversa dos repórteres também se refere às condições de seu trabalho (Darnton, 2010:97,98).*

A valorização das ações e indivíduos do grupo é reforçada através da construção de personagens ideais, de jornalistas tidos como exemplos, cujo dom, talento, faro, escrita, postura e linguagem servem de molde para o grupo. Dessa forma, esses personagens ajudam a reforçar uma imagem centrada no grupo e nos aspectos que constituem o perfil ideal do jornalista.

Exemplo de ídolos, para o jornalista José Carlos Bardawil:

*Nós tínhamos nossos ídolos. Luís Fernando Mercadante era um deles. O homem das matérias políticas da Realidade, perfis políticos, escritos com frases curtas e saborosas. Tínhamos o Zé Hamilton Ribeiro, que era repórter dos assuntos gerais, um homem que conseguiu tornar interessante uma matéria sobre dente (Bardawil & Suassuna, 1999:46).*

Para o jornalista Marcos Sá Corrêa, “quem faz bom jornalismo investigativo, como o Teodomiro Braga, que no final de 1990 saiu do JB para ser correspondente de O Globo em Londres, faz por mérito próprio” (Vieira, 1991:40).

Exemplo de talento para o jornalista Mino Carta:

*Cláudio Abramo era um jornalista com este talento: era ótimo repórter, tinha excelente texto, sabia dirigir uma equipe, sabia definir numa reunião de pauta quais eram os assuntos principais, sabia paginar uma primeira página, sabia ditar uma manchete (Idem, 1991:59).*



José Maria Mayrink também apresenta exemplos de “bons jornalistas”, ajudando a reforçar em seu discurso os exemplos de como o jornalista “deve ser” para se destacar e ser lembrado pelo grupo. Entre os exemplos, profissionais que viajaram para El Salvador nos anos 1980 para cobrir conflitos e demonstraram coragem ao cobrir os acontecimentos locais em meio a bombas e tiroteios. Segundo ele, Lucas Mendes “mais que outros repórteres, ele enfrentou bombas e tiroteios, para mostrar como os eleitores iam às urnas, desafiando ameaças de represálias” (Mayrink, 2002:146).

E também Clóvis Rossi, seu “incansável e excelente companheiro” (Idem, 2002:147) que teve o carro atingido e sobreviveu ao ataque no mesmo dia em que jornalistas franceses tiveram o carro metralhado por guerrilheiros.

Sobre sua própria carreira, Mayrink também demonstra orgulho de ter sido considerado um bom profissional por seus colegas. Um trabalho que apresenta como exemplo de “bom jornalismo” é uma série de reportagens que realizou após sugestão de um colega, Robson Costa, sobre a solidão em São Paulo. Esta série lhe rendeu o título de “repórter da alma”, por ter conseguido, segundo ele, mergulhar “fundo no sofrimento de meus personagens, incorporei-os às minhas preocupações” (Ibid, 2002:149).

É o que Gay Talese complementa ao mostrar em “O reino e o poder”, livro em que apresenta a história do jornal norte-americano *The New York Times*, que os jornalistas que por lá passaram são “voyeurs” do mundo que não se limitam a simplesmente observar. É que o grupo se sente mais que observador, ao produzir notícia, ao selecionar fatos, lugares e pessoas e tornarem suas histórias relevantes.

Para Talese, a imprensa precisa cobrir um acontecimento para que ele seja considerado relevante e com isso “não se sabe se são as pessoas que fazem a notícia ou vice-versa” (2000:13). Assim, a força do grupo de jornalistas acaba por dar “legitimidade” aos fatos e transformá-los em notícia e isso alimenta o discurso do jornalista de referenciar o produto de seu trabalho a uma construção que valoriza enfaticamente o grupo e sua produção.

Gay Talese, como ex-jornalista do *The New York Times*, reforça o discurso de seus colegas sobre a relevância do grupo e sua presença para transformar um acontecimento em notícia ao afirmar que “se a imprensa está ausente, políticos cancelam seus discursos, manifestantes em defesa dos direitos civis adiam suas marchas, alarmistas deixam de fazer previsões lúgubres” (Talese, 1981:13).

Além disso, o livro de Gay Talese conta, numa mistura de jornalismo e ficção, a história do jornal norte-americano tendo como ponto forte a história de jornalistas que contribuíram para o crescimento do periódico e que com seu trabalho ajudaram o *The New York Times* a se tornar uma das principais referências nos Estados Unidos e no mundo. O livro surgiu, segundo o autor,

*em grande medida, de entrevistas com as pessoas do Times, de minhas observações pessoais durante os muitos anos que trabalhei na redação (a partir de 1953, como mensageiro), do que ouvi, junto com outros repórteres, de veteranos lembrando o passado, ou ainda de longas cartas de Timesmen que responderam às minhas perguntas sobre certos eventos e incidentes que fazem parte das lendas da redação* (Talese, 1981:518).

É possível perceber como o autor fez a escolha de desenvolver a história do jornal citando, além da trajetória dos donos do jornal com suas histórias pessoais e profissionais, a trajetória dos jornalistas que por lá passaram. Eles são os personagens que ajudaram a dar personalidade ao jornal. São os jornalistas que fazem o *Times* se tornar o *Times*. E, nesse sentido, a construção de Talese se apresenta como mais um reforço à visão do grupo de enxergar seu caráter a partir de uma construção baseada em discursos e comportamentos que privilegiam o ambiente entendido como interno e que, a partir daí, se expande e causa impacto no ambiente externo.

#### **4.2.6.**

#### **Mundo do trabalho sem rotina X Mundo do trabalho rotinizado**

Segundo o jornalista Augusto Nunes, em entrevista registrada no livro “Complexo de Clark Kent”, “a ausência de rotina, para quem gosta, dá um charme à profissão” (Vieira, 1991:29). Essa ausência de rotina se refere a uma característica percebida entre os jornalistas como singulares ao grupo devido à possibilidade de lidar com fatos novos todos os dias. Essa rotina de não ter rotina

surge como elemento que distingue o grupo dos jornalistas de profissionais de outras áreas.

Esta falta de rotina é explicada no mesmo livro durante entrevista realizada com a jornalista Marília Gabriela, quando ela aponta este quesito como um elemento-chave do grupo, um privilégio para poucos:

*Para mim é a possibilidade de ter uma vida muito menos rotineira, muito mais interessante do que a de 95% das pessoas. Eu tenho um medo profundo da rotina, do tédio. (Vieira, 1991:83).*

O jornalista Mauro Santayana também cita entre os elementos característicos do jornalista o trabalho que pode mudar em cima da hora e como não conseguiria viver de outra maneira:

*Este ano faz 45 anos que tenho vivido do meu ofício. Acho que não conseguiria viver de outra maneira. Os nossos dias não são sempre iguais, como os daqueles condenados à rotina de um trabalho repetitivo. Como dizem os italianos, fare il giornalista è molto faticoso, ma è meglio che lavorare (Dantas, 1998, 181).*

Quando a pesquisa “The American Journalist in the 21st Century” perguntou a jornalistas norte-americanos a razão para a escolha da profissão ouviu entre os quatro principais motivos ser o jornalismo uma profissão cujo trabalho é “variado e excitante”<sup>43</sup>. Para muitos jornalistas, a possibilidade de conhecer lugares, pessoas e histórias diferentes a cada dia surge como grande motivador e torna cada dia de trabalho único.

Trabalho único e que, para o jornalista Ricardo Noblat (2004), tem como “lei” a atuação durante as vinte e quatro horas do dia, pois a notícia não escolhe como nem quando aparecer. O jornalista tem que estar sempre alerta para um trabalho que exige dedicação integral:

*Outra lei estabelece que o jornalismo deve ser exercido em tempo integral. Isso quer dizer: do momento em que o jornalista acorda até o momento em que vai dormir. Notícia não tem hora nem dia marcado para eclodir e você esbarra nela em qualquer lugar (Noblat, 2004:38).*

---

<sup>43</sup> **The American Journalist in the 21st Century** (Weaver, 2007:56 a 60).

#### 4.2.7. Compromisso X Remuneração

José Carlos Bardawil em “O repórter e o poder”, livro com entrevistas dadas a Luciano Suassuna sobre sua trajetória como jornalista desde o final dos anos 1950 até os anos 1990<sup>44</sup>, frisava em inúmeras histórias de sua carreira como o dinheiro não era o mais importante reconhecimento de seu trabalho. Bardawil relata que os baixos salários que recebia nos jornais onde trabalhou não fizeram com que ele aceitasse oportunidades de suborno frequentes por ele trabalhar na área de Política, entre elas a chance de ter um apartamento e trabalhar na Câmara “só para assinar ponto” (1999:116).

A pouca relevância do reconhecimento financeiro diante da possibilidade de ser reconhecido entre os colegas, de ser visto, nas palavras dele, como um “puta repórter” prevalecia, o que importava e dava sentido à escolha pela profissão. Segundo o jornalista, “apesar de ser considerado um cara brilhante pelos chefes de redação, um puta repórter, sempre vivi pior do que todos os meus colegas que se vendiam” (Bardawil & Suassuna, 1999:129).

Ao descrever o perfil do jornalista Otávio Frias Filho em “Complexo de Clark Kent”, Geraldinho Vieira destaca a frase em que Frias Filho afirma que, dependendo do momento e das circunstâncias, pode até ser um bom negócio ser jornalista, mas o ofício é muito mais “uma obrigação que qualquer outra coisa (Vieira,1991:15)”. É esta obrigação, esse sentido de compromisso que coloca acima de *status* financeiro quando pensadas as razões e modos de reconhecimento do trabalho.

O jornalista Mauro Santayana conta que, ao iniciar no jornalismo, ouviu de seu redator-chefe que a profissão não era para aqueles que querem ganhar muito dinheiro, mesmo sendo um bom profissional:

*Você vai ganhar muito menos. Se continuar mexendo com publicidade, é capaz de ficar rico. Como jornalista, você nunca terá muito dinheiro. Se tiver sorte e trabalhar duro, poderá vir a ser um bom profissional. Se isso acontecer, ótimo (Dantas, 1997:167).*

---

<sup>44</sup> O livro traz entrevistas realizadas com o jornalista entre os anos de 1993 e 1994.

Com a remuneração passando longe das referências constitutivas do caráter do jornalista, o reconhecimento do “bom jornalista” ultrapassa a barreira profissional, se tornando, como diz o jornalista Ricardo Kotscho, “uma opção de vida”:

*Costumo dizer que, mais do que uma opção profissional, ser repórter é uma opção de vida – não dá tempo para fazer mais nada, preocupar-se com outra coisa (Idem, 1998:188).*

O jornalista José Maria Mayrink também se refere em “Vida de repórter” aos baixos salários:

*O salário inicial de repórter – Cr\$ 16 mil, numa época em que o mínimo beirava Cr\$ 9 mil – saía regularmente atrasado. Minha namorada, Maria José, professora primária estadual, ganhava mais do que eu (Mayrink, 2002:29).*

E, ainda assim, não desiste da profissão por ser esta uma “escolha” maior, que não se pode medir apenas pela remuneração. Segundo o jornalista, sua “vocação” era esta: ser “repórter de jornal, acostumado à correria do dia-a-dia” (Idem, 2002:82).

Um fato que ilustra a ideia de “missão” nos discursos do grupo pode ser encontrado no livro sobre a vida de jornalista de José Maria Mayrink quando ele relata sua ida, em 1982, para El Salvador mesmo após o massacre de quatro jornalistas holandeses:

*Quando liguei para casa, Maria José e nossas quatro filhas se revezavam ao telefone, chorando para pedir que eu não fosse a El Salvador. Enfrentei, naquela noite, um conflito insuportável. Morria de pavor diante do perigo real, mas sabia, ao mesmo tempo, que desistir da viagem seria renunciar à minha profissão (Ibid, 2002: 141).*

Além deste fato, o jornalista enfatiza sua disponibilidade integral ao trabalho e as “missões” que surgirem:

*Costumo trabalhar mais de oito horas por dia, estou à disposição do jornal em tempo integral, sempre pronto para viajar em qualquer missão, às vezes viro a noite em plantões e velórios (Ibid, 2002:218).*

A “glória” do jornalista está em uma ideia de reconhecimento que corresponde aos valores internos do grupo: suas reportagens, furos e compromissos por parte dos pares, a partir do “cumprimento” destes quesitos de

maneira mais aparente do que, por exemplo, uma nivelção de reconhecimento entre os pares baseada em remuneração pelo trabalho profissional realizado:

*Outras reportagens e outros furos viriam nos meses seguintes, num ritmo que logo me levaria ao auge da carreira de repórter. Respeitado, temido, bajulado, eu saboreava a minha glória particular...* (Wainer, 1987:33).

Entre os jornalistas norte-americanos, a questão salarial também não figura entre os principais motivos para a escolha da profissão. E esta é uma crítica do jornalista Michael Wolff aos colegas, por não terem como uma de suas prioridades profissionais a ambição de “ganhar dinheiro fazendo jornalismo”. Para Wolff,<sup>45</sup> a valorização do trabalho jornalístico deve também ser percebida a partir do *status* financeiro.

Jornalistas norte-americanos que, em sua maioria, são profissionais de renda média, sendo que, em 2002<sup>46</sup>, o ganho médio anual de um jornalista de jornal impresso girava em torno de US\$42.800, também não condicionam, em seus discursos, a carreira a ganhos salariais. Dessa forma, é possível notar que não há relação de prioridade financeira para a escolha da profissão e, com isso, não se encontra entre os temas que configuram o caráter do jornalista o *status* financeiro.

#### **4.2.8. Curiosidade**

Para o jornalista Armando Nogueira, o “sentimento mais palpitante do jornalista, em qualquer estágio de sua formação, é a curiosidade e o prazer de ser o primeiro a saber (Vieira, 1991:86)”. E não é uma curiosidade qualquer; é uma curiosidade especial, uma curiosidade que impulsiona o jornalista a criar modos de agir e pensar enquanto grupo, pois é um sentimento que dá sentido à escolha da profissão e influencia no processo de construção do caráter do grupo.

O comportamento autocentrado e autorreferencial, por exemplo, se liga ao aspecto da curiosidade quando o jornalista revela que tem que ser o primeiro a saber os fatos. Mas não para por aí, já que este sentimento o leva também a querer ser o primeiro a estabelecer uma relação com a notícia e sua divulgação.

<sup>45</sup> Opinião produzida no evento acadêmico **Emily Bell in conversation with Michael Wolff**. Local: World Room, Columbia Journalism School, Nova York, 2013.

<sup>46</sup> Dados da pesquisa **The American Journalist in the 21st Century** (Weaver, 2007:97 a 106).

Como se percebe no depoimento de Armando Nogueira, a intenção de saber antes sobre os acontecimentos se apresenta como aspecto referente ao grupo: é o jornalista que tem curiosidade, é o jornalista que sabe primeiro, é o jornalista que apresenta a notícia, é o jornalista que produz reações na sociedade:

*...é o jornalista que vai dizer às pessoas se o mundo vai acabar daqui a 20 dias ou não, é o jornalista que vai dizer às pessoas se fulano é mesmo um mito ou não, é ele que vai estabelecer um juízo de valores para o máximo de pessoas que ele possa atingir (Vieira, 1991:86).*

O que a curiosidade persegue e que, para o jornalista Caio Túlio, é “a alegria do jornalista” está novamente fazendo menção ao grupo, aos seus modos de agir e pensar. “É o furo, é a informação exclusiva, aquela coisa que você investigou, que você sabe que é verdadeira. É o que dá mais retorno pessoal e profissional” (Idem, 1991:108).

José Hamilton Ribeiro destaca a curiosidade como a “maior condicionante espiritual” do jornalista, “é a curiosidade, aquela compulsão de saber mais e de saber primeiro, para poder espalhar” (Dantas, 1997:112, 113).

Para Larry Rohter em “Deu no New York Times”, livro que conta suas experiências no Brasil, principalmente aquelas envolvendo seu trabalho de jornalista no país, é a curiosidade que move seu trabalho desde quando era um “correspondente novato tentando aprender o ofício e finalmente como macaco velho” (2007:19).

Em abril de 2013, em Nova York, a jornalista Molly Bingham foi a convidada do evento “Rethinking Journalism”, para discutir sobre os desafios do jornalismo no mundo pós-moderno. Na ocasião, perguntei à jornalista sua opinião sobre a necessidade de estudar em uma escola de jornalismo para exercer a profissão. A resposta de Bingham foi:

“Não acho que é preciso ir a uma escola de jornalismo para ser jornalista. Eu não fui e acho que tenho as habilidades necessárias. É preciso ter uma infinita curiosidade e sempre questionar os fatos, nunca estar satisfeita. É isso que torna alguém um bom jornalista.”

A importância do aspecto “curiosidade” apresentado pelos jornalistas acaba por reforçar a característica do grupo de construir uma retórica, uma lógica

e uma atitude de grupo que seleciona aspectos e os define enquanto práticos. Ao escolher a “curiosidade”, os jornalistas acabam revelando que suas características aparentemente bem definidas como práticas são, de fato, uma construção que pode ser relativizada.

Isso porque, apesar de o fator “curiosidade” ser evidente nos discursos dos jornalistas e tido como importante quesito formador do caráter do grupo, não fica claro nos depoimentos como ela escapa de seu sentido subjetivo e pode ser definida a partir de critérios práticos. Ou seja, não há uma definição objetiva de como ter ou alcançar esta “curiosidade”. Portanto, ela acaba sendo, ao mesmo tempo, um elemento “prático” na formação do caráter do jornalista e também uma condição inata dos integrantes do grupo.

A escolha ampla entre os jornalistas da “curiosidade” se transforma em elemento-chave para se pensar sobre a formação do caráter do grupo, já que o posicionamento da “curiosidade” entre os critérios “práticos” do caráter do jornalista cria a possibilidade de que se repensem e se relativizem todos os demais aspectos reivindicados pelos jornalistas como formadores de seu caráter.

Se a “curiosidade” é parte de um esforço do grupo de que ela soe logicamente como característica “prática”, todos os outros aspectos por eles selecionados também podem fazer parte deste esforço de construção de uma categoria “prática”. Para uma nova interpretação e entendimento do caráter do jornalista, será preciso revisitar os aspectos selecionados pelos jornalistas como relativos ao grupo e analisá-los como escolhas, e não como características dadas a priori. Uma nova visita que pode proporcionar mais detalhes sobre o caráter do jornalista.



O quadro comparativo a seguir busca sintetizar fatores que representam e fatores que não representam o “caráter do jornalista”:

Fatores que representam o caráter do jornalista	Fatores que não representam o caráter do jornalista
“Prática”	“Teoria”
Local de trabalho, ambiente interno	Universidade, ambiente externo
Vocação, dom	Diploma, certificado acadêmico
Habilidade de produzir informação	Dificuldade de produzir informação
Talento para a escrita, faro jornalístico	Influência dos capitais <i>escolar</i> e <i>familiar</i> e pertencimento a uma classe social
Grupo de jornalistas	Público geral, senso comum, sociedade
Mundo do trabalho sem rotina	Mundo do trabalho rotinizado
Compromisso	Remuneração
Curiosidade	

Quadro 4: comparativo final dos fatores que representam e não representam o “caráter do jornalista.